

O jogo entre Cultura e Arte. Um Ponto de Virada

Celio Turino

Impulsor del Programa Nacional de Educación Artística y Ciudadanía, Cultura Viva comunitaria “Puntos de Cultura”

Todas as dificuldades, avanços e regressões por que o mundo vem passando expressam um ponto de virada na história da humanidade. Se para o bem ou para o mal, depende de quais valores exercitarmos mais. É muito difícil reconhecer as mudanças que estão acontecendo à nossa volta no exato tempo em que as estamos vivendo, isto porque somos parte do processo, resultado e vetor das mudanças, produtor e produto de uma só vez; e de forma inconsciente, na maioria dos casos e para a imensa maioria das pessoas. Como todos vivemos a partir das condicionantes e referências do passado, e todo pensamento é “re-pensado”, ou, processado mentalmente depois do fato, mesmo quando este fato é projetado ou imaginado para o futuro, há uma grande dificuldade em realizar experiências de pertencimento ao próprio tempo. Deste modo, ninguém consegue ser plenamente contemporâneo de sua época, e sempre haverá uma “hora histórica” para que o pensamento se esclareça. Por isso é necessário observar abaixo da superfície das relações sociais visíveis, em que brotam novas formas de sociabilidade e de relações, cabendo jogar mais luz aos eventos presentes, sobretudo aqueles que estão à nossa volta e não os percebemos.

Do mesmo modo que os Macro-Sistemas Político e Econômico nos impõem situações de iniquidades, violência e alienação, também podemos encontrar Micro-Sistemas comunitários. Nestes micro-sistemas se pode perceber pessoas preocupadas com o seu semelhante, com a comunidade da vida, praticando outras formas de sociabilidade e economia, como as trocas por equivalência em tempo, a dádiva, a oferenda. Com a defesa das águas, por exemplo, há gente que, anonimamente, plan-

ta árvores às margens de leitos de rios e córregos, regenera nascentes, pessoas que talvez nunca chegaremos a conhecer e que, ao invés de gastar tempo com suas ganâncias, vivem para fazer brotar e preservar vida. Ou coletivos de economia solidária, produzindo bens e serviços a partir de trabalhos compartilhados, comércio justo e consumo consciente, criando moedas próprias, banco de tempo, trabalhando em hortas comunitárias e jardins, cuidando do próximo. Gente fazendo arte e educando para o bem comum, promovendo jogos cooperativos, esporte comunitário. São incontáveis as pessoas, grupos e coletivos que se decidem não ser coisa. A questão é que, mais incontáveis ainda, são aquelas que se deixam coisificar, aqueles que não percebem a força de sua própria potência e se permitem conduzir pelas regras e imposições de um Sistema que se reproduz subtraindo vida. O desafio é ter força e clareza para conseguir olhar, escutar e sentir o outro lado.

Enquanto a lógica do Mercado é acumular e a lógica do Estado é controlar e impor, por baixo das relações sociais aparentes, vai brotando uma sociedade que dispõe e distribui, que comparte e retribui. Aparentemente esta seria uma forma nova de compreender a existência da vida, mas, ao contrário, este modo de estar no Planeta sobrevive há milênios, com base na ética e no modo de ser da sabedoria ancestral. Diferente de “tirar e tirar”, pensa-se na permanência, em manter, em oferecer para outros, cuidar, mesmo para aqueles que não conheçamos, incluindo os que estão por vir. É um outro modo de busca da identidade, para além do indivíduo, ou da família, ou do pequeno grupo, ou da classe, ou da cor da pele, ou da

O jogo entre Cultura e Arte. Um Ponto de Virada



© UNESCO

raça inventada, ou da nação. É a busca por uma identidade da vida, para além da humana até, uma identificação da vida em forma plena, compreendida em comunhão e convivência. Do indivíduo com ele mesmo, do indivíduo com a coletividade humana e dos humanos com os demais seres, sejam animais, vegetais, minerais, incluindo os ‘invisíveis’, aqueles seres que não vemos nem compreendemos – mas que sentimos – e que igualmente habitam o Cosmo. Esta forma de se perceber no mundo é, ao mesmo tempo, nova e ancestral. Ancestral por seguir praticada pelos povos tradicionais de todos os continentes. Nova, por refletir a necessidade de uma busca de continuidade do presente com o passado, procurando recuperar sentido, profundidade e estabilidade no processo de pertencimento ao próprio tempo. Ancestralidade e Invenção como formas de se reprojeter ao futuro.

Para os povos originários da América (e dos demais continentes), cada intervenção humana só pode acontecer após se pedir permissão aos que vieram antes de nós e aos que estão por vir. Isto porque cada ação tem reflexo no Sistema da Vida; não somente para filhos, netos ou bisnetos, mas pensando na comunhão da vida e em modos de vida que mal podemos imaginar, e que existem para além de nossa compreensão. Na sabedoria ancestral somos “parte” e não podemos viver “à parte” do todo, e todos os seres tem o seu *Ajayo* (alma, desígnio, em idioma aymara).

Todavia, no Sistema Capitalista, a forma de pensar e agir é outra. A lógica é da acumulação contínua, infinita. Mas se o Planeta é finito, com dimensões conhecíveis, bastante mapeadas e até esquadrinhadas, no solo e no subsolo, e nos mares e nos ares, como seguir nesta lógica da acumulação sem limites? Como evitar o colap-

so? A solução em vigor tem sido acumular e concentrar muito, muitíssimo, nas mãos de poucos; e pouco, pouquíssimo, nas mãos de muitos. Esta é a solução inevitável de um Sistema ilógico e irracional: roubar vida e futuro dos mais fracos. Tendo por base ideológica um egoísmo atávico e uma competição sem limites, o Sistema Capitalista rouba até mesmo o futuro de seus próprios filhos, subtraindo-lhes o direito ao ar puro, à água limpa, à boa comida e à alegria. É algo que está além da decisão do indivíduo e que faz parte das regras próprias do Sistema.

Mas, se nos dispusermos a observar, mirar e escutar em profundidade, não em observação superficial, ou olhando sem ver e ouvindo sem escutar, se nos jogarmos em processos de observação densa, de mirada profunda e escuta sensível, mais ausculta que escuta, sentindo a vibração do “outro”, poderemos atravessar o espelho e conseguir ouvir com o coração e a razão ao mesmo tempo. Se nos dispusermos com todas as forças de nossos sentidos e racionalidade, em efetivos processos de empatia e alteridade, vamos perceber que, por “baixo”, vão brotando novas relações econômicas, sociais e culturais no Planeta. Muitas delas a partir da América Latina escondida.

Por que na América Latina?

Porque é neste imenso continente, que atravessa o Planeta de Sul a Norte, como uma coluna vertebral, em que, do Rio Grande à Patagônia, as pessoas conseguem se entender em idiomas irmãos, o espanhol e o português, quicá o Portunhol, uma língua franca, compartilhamos ancestralidade, memórias e modos de ser. Igualmente compartilhamos os mesmos dilemas em relação ao futuro. Histórias belas, muita beleza. Histórias de horror, muito horror. Histórias comuns. Histórias extraordinárias. Por diversos motivos estas terras acolheram todas as humanidades. E aqui estamos. Gente que chegou caminhando, atravessando pontes de gelo, navegando; gente a explorar novas terras, aventureiros, conquistadores ambiciosos; gente escravizada, trazida em holocausto; gente cheia de esperança, imigrantes fugindo dos infortúnios e da fome. Gente que se misturou. Os povos originários e seus conhecimentos sobre a terra; os colonizadores e o mal, e o bom, que também trouxeram; os africanos e os seus orixás, seu ritmo; os migrantes, de todos os conti-

nentes, de todos os cantos da Terra, europeus, árabes, asiáticos. Cada qual com seu saber, suas experiências e contribuições. O encontro entre mundos. O mundo em que identidade e diversidade se combinam. A mescla, a mestiçagem, o híbrido. O duro e o mole. A feiura e a beleza. Assim nos fizemos e assim somos.

Exatamente por unir todas estas humanidades em uma só, com tudo de bom e de ruim que nos fez assim, a América Latina revela uma profusão de cores, ritmo e esperança. Para além da prata de Potosí e o ouro das *Minas Geraes*, a América também ofertou a comida que salvou os europeus pobres da fome. A Batata e suas dezenas de variedades, doces, salgadas, desidratadas; a Maíz e suas espigas coloridas, milho grandes e pequenos, brancos, amarelos, roxos e azuis; a Mandioca, a manjuba, a tapioca; o Cacau, o chocolate; o Tomate, os temperos, as pimentas, os aromas; as frutas, o aguacate fazendo a guacamole, o maracujá, a goiaba, a jabuticaba; as ervas, as medicinas, os remédios. Nas Américas, até as aves falam. As águas, que são muitas, as fontes de energia, os minerais, as florestas, os desertos, os picos nevados, o sol. A luz. Para além das mazelas, injustiças, violências e iniquidades, que foram e são muitas, na América Latina também encontramos microterritórios livres, simbólicos, em que vai brotando uma potente Cultura do Encontro, que se faz Cultura Viva.

Cultura e Arte

Cultura: o cultivo da vida, o cultivo das pessoas, grupos e sociedades, a busca por sentidos e significados. A partir da etimologia da palavra Cultura, do latim, *colere*, a melhor aproximação comparativa deve ser mesmo entre Cultura e *AgriCultura*. Cultura é justamente isso, é colocar as mãos e os pés na terra, é preparar a terra, semear, acompanhar o crescimento das plantas, proteger a plantação, realizar a colheita (preferencialmente com trabalho coletivo e cantando enquanto se trabalha), fazer festa, celebrar. E após a colheita, separar as melhores sementes, e depois fazer tudo novamente, e novamente. E mais festa e celebrações, agradecendo e pedindo permissão à mãe-terra que nos dá alimento.

Para que a Cultura brote, é necessário a combinação entre tempo e espaço, memória e território. É a partir do território que nos localizamos no mundo, formando refe-

O jogo entre Cultura e Arte. Um Ponto de Virada

rências, compartilhando sensações. Com a memória vamos retendo estas sensações, referências e localizações. O tempo nos vincula ao espaço, da mesma forma que é o espaço que nos faz compartilhar o tempo. Esta vinculação entre tempo e espaço, entre memória e território, é que assegura estabilidade e profundidade nas relações humanas. Como *homos culturalis*, somos síntese do compartilhamento entre Memória e Território e é deste compartilhamento que podemos contemplar o passado (e as tradições) e planejar o futuro. Nós somos o que fazemos de nós, mas também somos feitos do ambiente que nos faz ser o que somos.

Cultura em cultivo permanente, como processo dinâmico, que envolve o reconhecimento e interação com o entorno, valorizando conhecimentos, saberes e tradições. Cultura como formação, como aprendizado e domínio de formas de expressão e técnicas. Cultura como informação e difusão, ampliando repertórios e o domínio de análise simbólica. Cultura como criação e produção, instigando a inventividade e a habilidade (arte) de articulação das pessoas com seu meio e delas entre si. Cultura como desafio, realizado com arte, magia, coragem e afeto; como expressão simbólica, como potência e encantamento. Cultura como expressão de tudo que é importante para uma comunidade: sua ancestralidade e seus símbolos, seus desejos e aspirações. Uma Cultura, ao se realizar na Arte, é cidadã, respeita e valoriza as pessoas e suas formas de viver, ou melhor, de Bem Viver, pois a cidadania só se realiza no Bem Viver, em ambientes de acolhimento, cuidado e respeito. Quando uma comunidade percebe e realiza a cultura desta forma, ela inverte o próprio sentido de economia, que deixa de ser um modo de administração de recursos a partir da extração dos bens materiais e dos modos de produção, para se transformar uma administração de recursos a partir dos sonhos e da beleza, em que o centro vital está na vida e não nas coisas.

Arte, do latim *Artem*, habilidade, técnica; a elaboração controlada, consciente e racional de projetos, sonhos e ideias, tenham sentido prático ou teórico. A arte sempre esteve ligada aos modos de vida, às práticas, à maneira de as pessoas se sustentarem e à interpretação que fazem de seu meio, seus desejos e angústias. Produzindo uma relação direta com os ambientes, arte e vida se fundem e se confundem. É assim com os povos tradicionais. Para estes,

o conceito de arte, tal qual conhecemos no ocidente, nem existe, isso porque a arte é a própria vida, está exposta nos corpos, nos significados, bem como nos demais seres, mesmo quando, para atingirem determinado “estado de arte”, não tenham necessitado passar por um processo de *“elaboração controlada, consciente e racional”*. Também é assim nas comunidades que se reconhecem no exercício do “ser” comunitário. A Arte da mediação e da capacidade de estabelecer consensos, a defesa do bem comum. A Arte como um ponto de encontro entre mundos, de pessoas com seu meio, suas casas, suas ruas, seu trabalho; das pessoas entre elas, das comunidades entre si e da aproximação entre centro e periferia e o consequente desfazer desta separação. A Arte promove a aproximação entre mundos, da vanguarda artística à vida cotidiana. Mas também pode separar, segregar e distinguir, como com a Cultura. Ao realizar a aproximação entre mundos, do tangível para o intangível, de sensações distantes para próximas, da não experiência para a experiência, a Arte sedimenta a dimensão do coletivo, criando uma linguagem que pode expressar poeticamente o contexto, a vida, os desejos e angústias dos indivíduos, comunidades e sociedades. Quando isto acontece é porque a Arte estabeleceu uma Ação Comunicativa. Ela sensibiliza e distribui conhecimentos e sensações de toda ordem, provocando experiências visuais, auditivas, táteis, sensoriais e reflexivas. Ao interagir com o profundo, o inusitado e o belo, a Arte promove mudanças estruturais (na forma de ser, pensar e agir) nos indivíduos, nas comunidades e sociedades. E assim enfrenta a realidade; e a supera.

A Arte fora do contexto da vida, como produto, é um fenômeno relativamente recente na história, podendo ser datado entre os séculos XVI e XVII:

Esse conjunto complexo de distinções históricas entre os diversos tipos de habilidade humana e os propósitos básicos variáveis no uso dessas habilidades está obviamente relacionado tanto com as mudanças na divisão prática do trabalho quanto com as mudanças fundamentais nas definições práticas dos propósitos do exercício da habilidade. É possível relacioná-lo principalmente com às mudanças inerentes à produção capitalista de mercadorias, com sua especialização e redução de valores de troca.¹

¹ Williams, Raymond – “Palavras-Chave”, Boitempo Editorial, 2007, pg. 61.

Ao deslocar-se da Vida, a Arte também foi se separando das demais habilidades humanas, com a técnica indo para um lado e a Arte para outro, assim como a magia, como conhecimento instintivo, animal foi se separando da ciência. E quanto mais separamos a arte da vida cotidiana, mais nos separamos de nossas próprias habilidades. Com isso a Arte-Mercadoria, ou Arte-Coisa, foi transformando em coisa morta. E só. Um ordinário meio de compra e venda e distinção entre as pessoas. Resgatar o sentido de vitalidade da Arte, como parte intrínseca da Vida, como forma de expressão da Vida, mágica e racional ao mesmo tempo, é estratégico caso as sociedades desejem superar o “Ser-Coisa”. John Dewey aponta que “toda cultura tem sua individualidade coletiva”, assim, a Arte é uma variedade da experiência e não uma entidade em si. É neste sentido que, em 1920, há cem anos, ele já deixava explícita a sua preocupação: “Não há questão mais importante perante o mundo que [...] a conciliação das atitudes da ciência prática com a apreciação contemplativa. Sem a primeira, o homem torna-se brinquedo e vítima das forças naturais. Sem a segunda, a humanidade poderia tornar-se uma raça de monstros econômicos [...] entediados com o lazer, ou tão somente capazes de usá-los na exibição ostentadora e na dissipação extravagante”.² Qualquer semelhança com os tempos atuais não é mero acaso. Para ele, “toda arte é um processo de tornar o mundo um lugar diferente para se viver, e envolve uma fase de protesto e de reação compensatória”. Sejam os revolucionários, pois, enquanto a “filosofia começa no assombro e termina na compreensão, a arte parte do que foi compreendido e termina no assombro”. A Arte precisa ser percebida como uma Criatura Viva, isso porque ela carrega uma propriedade única, que é o maravilhamento, o encantamento. A partir do encantamento é possível fazer com que as pessoas experimentem sensações e reflexões que talvez elas nunca teriam a oportunidade de vivenciar em sua experiência individual.

É a partir da arte que nós conseguimos exercer a transcendência, nos transpondo para realidades não vivenciadas. Seria como um jogo de espelhos, em que mergulhamos na Identidade do Outro, exatamente para vermos nossa pró-

pria identidade. Há uma série de sensações, de sentimentos, reflexões ou formas de ver o mundo que dificilmente uma pessoa vai experimentar em vida de uma maneira completa e plena, sensações de ódio, de vingança, amor em situações mais extremadas, êxtase. E saber lidar com as sensações, desejos, necessidades e sentimentos é chave para uma vida saudável. Esta experimentação de determinadas situações, ao menos em suas versões mais profundas, é possível a partir da arte. Ouvir uma música e ter uma sensação de tristeza ou de euforia, por exemplo, mesmo quando a música é cantada em idioma que não conhecemos, e, independente de não dominarmos o idioma, somos tocados pela música, tomados por sensações específicas até nos percebermos cantando em palavras inventadas, ao sabor do ritmo, isso porque a mensagem que a música nos passa é mais clara e potente que um discurso racional. Idem a partir de uma arte visual, cênica ou literária. A capacidade de transcendência da Arte é que a torna única dentre todas as habilidades (*Artem*) humanas. Sobre tudo nos tempos atuais, em que a humanidade está tomada por ódios e fundamentalismos, por uma vulgaridade hedonista, pelo imediatismo, individualismo e superficialidades, a Arte se faz mais necessária que nunca. Mário de Andrade, modernista brasileiro, referia-se à Arte como “estrela de brilho inútil”, em uma ironia a respeito da “inutilidade da arte”, conforme a sociedade do século XX começava a fazer crer. A Arte não somente é útil como é ela a única a nos afirmar humanos. Isso porque a Arte funde as linguagens “*do coração, da mente e das mãos*”, formando uma só unidade.

Em toda criação humana há emoções. Ao analisarmos, por exemplo, a psicologia da criação matemática, encontramos sem faltas uma específica ‘emoção matemática’. Contudo, nem o matemático, nem o filósofo, nem o naturalista concordam com que sua tarefa se resuma à criação de emoções específicas, ligadas à sua especificidade. Não denominamos atividades emocionais nem a ciência nem a filosofia... As emoções desempenham imenso papel na criação artística – por imagem. Aqui elas são suscitadas pelo próprio conteúdo e podem ser de qualquer espécie: emoções de dor, tristeza, compaixão, indignação, condolência, comoção, horror, etc.³

² Dewey, John, - Arte como experiência”, Martisn Fontes, editora, 2010, pg. 10.

³ Vigotski, L. S. - “Psicologia da Arte”, Martins Fontes, 1999, pg. 37.

O jogo entre Cultura e Arte. Um Ponto de Virada

Analizando a psicologia da Arte, aponta esta *‘diferentia specifica’* da Arte na combinação entre emoção, reflexão e ação. Quem nunca chorou ao ser tocado por uma obra de arte? Ou foi tomado de profundo êxtase, alegria? O que seria de nosso entendimento sobre um “amor de Romeu e Julieta” se não houvesse um Shakespeare a contar a história?

Até hoje ninguém definiu aquilo de que o corpo é capaz... mas dizem que seria impossível deduzir apenas das leis da natureza, uma vez considerada exclusivamente corpórea, as causas das edificações arquitetônicas, da pintura e coisas afins que só a arte humana produz, e que o corpo humano não conseguiria construir nenhum templo se não estivesse determinado e dirigido pela alma. (Espinosa, *Ética III, Teorema 2*)

O jogo entre Cultura e Arte combina Identidade com Alteridade. As identidades são a base para a formação da personalidade de indivíduos e sociedades. Sem saber quem somos não há como estabelecer relações comunicativas com os outros. Conforme Lacan, psicanalista francês da geração seguinte à de Freud, todos os humanos passam por um momento único na construção da personalidade, é quando a criança ainda bem pequena vê sua imagem refletida no espelho e reconhece que aquela é a sua própria imagem. A partir deste momento, sabendo quem é, o indivíduo consegue dar o passo no encontro com o Outro e daí evoluir em sua personalidade. Se transpusermos esta teoria para as sociedades, perceberemos que este “direito ao espelho” não acontece da mesma forma. Há a colonialidade, a imposição de sentidos externos a definirem a personalidade dos povos. E esta colonialidade vem com o apagamento da memória e dos traços de criação peculiar dos povos, hierarquizando, desconsiderando e anulando culturas, ou então ‘folclorizando’ e estereotipando a cultura do povo, como se fosse uma *“Cultura em Conserva”*, conforme o sociólogo Roger Bastide definiu. É pela Arte de cada povo que os povos se reconhecem, se definindo quem são. Quando esta arte é apagada, desaparece o espelho.

O passo seguinte à afirmação da identidade seria ultrapassar o autoreconhecimento e conseguir se reconhecer no “Outro”, por mais diverso e diferente que seja. Este passo seria o da empatia, ou da Alteridade. Não é fácil se reconhecer no “Outro”; se até o autoreconhecimento é um exercício difícil, em que passamos a vida toda tentando saber quem eu somos e não chegamos a uma conclusão, imagine o saber quem somos a partir do “Outro”, ainda quando este “Outro” nos parece tão diferente e perigoso. É a Arte que pode nos convidar para este jogo profundo, ininterrupto, de autoreconhecimento no “Outro”, isso porque a Arte, quando não vulgarizada, não pasteurizada, não coisificada, nos transcende, nos transpõe. Este ‘jogo de espelhos’ precisa ser um exercício cotidiano, em que vamos nos ver e ser vistos, e ao sermos vistos, nos veremos no “Outro”, que nos verá nele. Nesta combinação, neste exercício sistemático de troca de afetos e reflexões, vamos combinando o ‘fora para dentro’ e o ‘dentro para fora’. Não basta ter um olhar benevolente, tolerante, e até de cumplicidade e apoio em relação ao “Outro”, há que ter uma comunicação efetiva, equilibrada, harmonizada. Sem hierarquias, em que ambas as partes se dispõem a dar e receber, a afetar e a serem afetadas. Pelo olhar do “Outro” descobrimos quem somos nós, assim como o “Outro” se descobre quem é a partir do nosso olhar. Mas tem que ser o povo originário pelo povo originário, o kuikuro pelo kuikuro, o ashaninka pelo ashaninka, o ikepeng pelo ikepeng, ou os jovens das favelas e periferias pelos jovens das favelas e periferias, a mulher pela mulher, e assim por diante. Somente a partir do exercício da polifonia, dos diversos olhares, realizados na primeira voz, será possível estabelecer processos comunicativos mais horizontais, menos hierarquizados. E o mundo poderá se autorepresentar na geometria do Poliedro.

No jogo entre identidade e alteridade é que conseguiremos, de fato, exercitar nossa humanidade de forma autônoma, protagonista. Escutar o “Outro”, ver e sentir o “Outro”, em processos de escuta sensível, de observação, reflexão e empatia, somente assim conseguiremos praticar a solidariedade, não como algo esporádico, mas como um potente regulador da vida a nos dar força para enfrentar a força das coisas. Por enquanto, o espírito que tem vencido não é o espírito solidário, e sim o espírito da competição, da ganância, do individualismo, da descon-

fiança, do egoísmo. Mas não precisa ser sempre assim. O espírito que deverá prevalecer será aquele que cultivarmos mais, aquele que alimentarmos melhor.

Como Cultura pressupõe cultivo e autocultivo, ela tem uma relação direta com a construção das “maneiras de ser” da humanidade. Podemos reforçar comportamentos competitivos e egoístas ou nos cultivar a partir da ideia da solidariedade e da compaixão. Podemos fazer o bem ou o mal. O cultivo das pessoas e para onde desejamos ir, é também um fato cultural, uma atitude, uma tomada de posição ética e política. Cabe, portanto, à humanidade, à sociedade, às classes sociais, às comunidades e ao indivíduo, a decisão quanto ao caminho a ser trilhado. Este é o sentido de Livre-Arbitrio em Santo Agostinho, um Dom Divino, que permite às criaturas racionais o livre pensar e o livre agir, exercitando a sua liberdade interior. Como Dom Divino, o devido uso da razão, através do livre arbítrio, nos levaria à busca do Bem Comum. Mas, por qual motivo o mal seria tão prevalente? A causa do mal seria resultado da privação do livre arbítrio, ou do impedimento do exercício do Dom, que é exatamente o que ocorre quando os Sistemas nos quitam esta “graça divina”, roubando soberania, autonomia e liberdade das pessoas e das sociedades, que passam a ser comandados por lógicas que não compreendem nem controlam, mas que obedecem.

Esta questão nos remete a um outro conceito, *conatus*, formulado por Espinosa. A partir da ideia de *conatus*, uma força bipolar, passiva e ativa, está presente em toda a dinâmica da natureza humana, e mesmo nos demais seres. Na medida que somos afetados por forças estranhas, podemos perder ou ganhar potência. O *conatus* seria o esforço, a tendência humana por “perseverar no seu ser”, dizendo respeito à “autopreservação”, que pode ser ativa ou passiva, buscando manter a integridade do ser. Seria um desejo não trabalhado, não racionalizado, uma vontade, ou apetite, buscando sobrevivência e o bem-estar. O *conatus* começa pela vontade e pelos sentimentos vai transformando-se em desejo, ganhando consciência, razão e reflexão, sobre o próprio apetite original, inclusive.

O desejo seria a própria natureza humana que nasce da razão, é produzido enquanto agimos, não como algo dissociado da natureza, mas como nossa própria essência.

Essência essa que é cultivada ‘pela’ e ‘na’ Cultura. A cada novo agir cultural, o próprio pensamento e os modos de ser vão sendo modificados, alcançando novos patamares de afecções e afetos. Agir pela razão, seria, portanto, agir conforme a natureza intrínseca de cada um. O Dom é também uma forma de Potência, uma capacidade de agir e de se mover no mundo, e a força para transforma-lo, modificando realidades externas e a própria. Assim, desejo e razão se cruzam, tornando-se o meio pelo qual a Potência se realiza. O embate entre Cultura e Sistemas seria a expressão desta tendência por “persistir na existência”, em que o humano se nega a ser Coisa. Ou, na interpretação de Deleuze: preservar-se, conservar, manter (em um sentido mecânico); aumentar, esforçar-se (em um sentido dinâmico); opor-se ao que se opõe e negar-se ao que se nega (em sentido dialético).

A questão é que a Potência humana é naturalmente limitada, sendo ultrapassada pela Potência dos Sistemas, que reúnem muito mais força e energia, em uma lógica estabilizadora e estabilizada por reguladores mais precisos. Como seres descentrados, nós, humanos, estamos constantemente submetidos a afecções e variações de sentidos e realidades, de tal maneira que, na relação de força com o Poder dos Sistemas, não temos condições de nos imunizar. Mas se não conseguimos evitar estas forças, nos cabe um esforço para compreendê-las, até para driblarmos desejos inalcançáveis e que nos levam a um profundo mal-estar ou sensação de infelicidade. Agindo assim, as pessoas podem substituir esses desejos “maus” inalcançáveis por outros desejos, mais próximos de nossa essência e que, em nossa liberdade, tornam-nos mais felizes e plenos. Há que ressaltar que só os sábios se empenham nesta busca, e que só pode ser realizada após um longo auto-exercício. O papel da Cultura, neste caso, é de amplificar o campo de exercício, de modo que ele seja acessível a todos, ou, ao menos, a quem se disponha. Mas ainda assim é um percurso longo e difícil, e até doloroso, e, por enquanto, poucos se envolvem de corpo e alma por este caminho. Mas não tão poucos, conforme demonstrado na segunda parte deste livro.

Da mesma forma que a Economia pode optar por caminhos diferentes e escolher entre o egoísmo e a ambição desmedida ou entre a cooperação e o compartilhamento, também cabe à Cultura a decisão sobre como será o processo de

O jogo entre Cultura e Arte. Um Ponto de Virada

seu próprio autocultivo. Nada é natural e tudo é passível de escolhas e decisões prévias, conforme Santo Agostinho demonstrou. Desta forma, ao mesmo tempo que o exercício da Cultura pode permitir que as pessoas se libertem, ele também pode aprisionar, pois a Cultura não é libertadora “em si”. Se observarmos a história humana, verificaremos que a maioria de guerras e conflitos entre povos é resultado de conflitos gerados por disputas de Poder e pela intolerância, por formas de comportamento cultural em sentido amplo, seja por diferentes maneiras de interpretação de mundo e do desejo em colocar determinados “modos de ser” sobrepondo-se aos demais. A Cultura que aprisiona é aquela que se prende a verdades cerradas, fechadas, daí os fundamentalismos de todo tipo. No século XXI, o grande problema do mundo é o fundamentalismo, são os fundamentalismos (pois não há um único fundamentalismo), sejam de ordem religiosa, de mercado, de modos de ser; as verdades que não se modificam, a incapacidade de se projetar no “outro”, de buscar compreender o “outro”, levando à recusa em exercitar a compaixão, a partilha e o respeito. Uma característica do tempo atual é a de vivermos nesta fase contraditória, em que conhecimentos diversos são ofertados em uma profusão nunca experimentada ou sequer imaginada, e, ao mesmo tempo, as pessoas e grupos se prendem cada vez mais às verdades acabadas e superficiais.

A Cultura, quando crítica e de sentido libertador, seria o meio pelo qual o ser humano poderia compreender a natureza das afecções que o cercam. E esta compreensão e consciência são vitais, caso nossa opção seja pela liberdade, pois somente a partir desta consciência é que, segundo Espinosa, seremos capazes de alcançar as totalidades mais poderosas e eternas, conhecendo melhor a nós mesmos. O desafio da Cultura é possibilitar que cada pessoa descubra o poder que ela tem sobre si mesma, podendo compreender a si e aos estímulos externos do qual é sujeita diariamente.

A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das coisas exteriores. Por isso não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postula atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos nosso trabalho; de que nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da natureza inteira, cuja ordem seguimos. Se compreendermos isso clara e distintamente, aquela parte de nós mesmos que é definida pela inteligência, isto é, nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por perseverar nesta satisfação. Pois, a medida que compreendermos, não poderemos desejar senão aquilo que é necessário, nem nos satisfazer, absolutamente, senão com o verdadeiro. Por isso, à medida que compreendermos isso corretamente, o esforço da melhor parte de nós mesmos estará em acordo com a ordem da natureza inteira (Ética, de Espinosa).⁴

Libertemo-nos pela razão, mas por uma razão que reencontra o sentido da Unidade, que pensa a partir do que sente, e age a partir do que sente e do que pensa. Este conduto de uma razão Una (cabeça, coração e mãos) se dá pelo caminhar na Cultura, em que emoção, desejos e reflexão interagem. É neste caminho que estaremos realizando a natureza de cada indivíduo, até que, por fazer o que é bom para a natureza humana e, conseqüentemente, para cada indivíduo, estaremos nos reencontrando com a própria Natureza da qual nunca deveríamos ter nos afastado. Esta seria a ética de uma Cultura que transforma e liberta.

⁴ Espinosa, Baruch – Ética – ed. Autêntica, pg. 210.





